



CACILHAS, VISTA DO TEJO.

LISBOA é abastecida de todos os generos, precisos para as principaes necessidades e tambem para o regalo e commodos da subsistencia da sua grande população, não só pelo fertil territorio adjacente, que fica ao norte do Tejo, como pelo da margem fronteira, abundante em fructos de toda a casta, vinhos excellentes, lenhas, caças e outros muitos objectos que concorrem ao consumo immenso da capital. A *outra-banda*, como usualmente nomeamos a parte ao sul do Tejo mais directamente opposta á cidade, é uma das vastissimas quintas de Lisboa, um dos seus recreativos passeios domingueiros, que offerece a variedade do transitio pelo rio, e das excursões terra dentro pelo meio de fazendas deleitosas ou pela crista das alturas d'onde se desfructam extensas e mui picturesque vistas, já de paiz, já da cidade. Campeia sobre esta margem, atalaia da capital por este lado, a mui antiga villa de Almada, cujo porto é o pequeno lugar de Cacilhas. Extravagantes etymologias tem alguns marcado áquelle nome; o certo é que deriva de origem radicalmente arabica: *al maden* significa *a mina*: tal nome proveiu das minas d'ouro que d'esta banda se exploravam desde tempos muito remotos, entre outras a da Adiça, lavrada já no começo da monarchia. Os arabes, grandes prescuradores das riquezas mineralogicas, lhe deram esta denominação, que com mais certeza procede d'aquellas palavras do que da causa que lhe assigna Ebn Edrisi, que escreveu pelos annos de 1151 a 1153, o qual, fallando do castello de Almada, que significa *castello da mina*, diz que assim se chama por causa do ouro que para alli acarreta o mar quando anda bravo. D'esta asserção do geographo arabeo mais que pôde inferir-se é que n'aquella praia se achavam palhetas d'ouro, como nas areias do Zezere e do Alva, justificando de algum modo a fama de aurifero, de que já em tempo dos

romanos gozava o Tejo: a verdadeira razão explica-a o sabio naturalista José Bonifacio de Andrada e Silva, na Memoria sobre a nova mina d'ouro da outra banda do Tejo — « . . . posteriores e mais miudas observações me tem convencido que este ouro não vem de fóra, mas se acha mais ou menos disseminado nas formações alluviaes d'aquelle terreno, o qual foi formado das ruinas e detritos de montes e vieiros auriferos, ou distantes ou visinhos, que as antigas inundações do oceano ou de grandes lagos e rios internos causaram em diversos tempos. É provavel que pelo andar dos seculos as chuvas, penetrando as camadas, desmoronando as barreiras e abrindo canaesinhos, lavassem as terras e ajuncta-sem o ouro, e o fossem depondo nos baixos e sitios mais azados da costa, onde as ondas lavam e apuram as suas particulas disseminadas. Querendo verificar esta suspeita que tive logo que pela primeira vez examinei o local e a natureza da formação, mandei no mez de abril passado (1815) trabalhar de novo em alguns sitios já lavrados no estio antecedente. Desde 16 de abril até 6 do corrente mez de maio, o ouro que temos recolhido d'aquella mina foi todo tirado das antigas catas, que o mar de nove enchêra revolvendo e lavando repetidas vezes as areias e as terras desmoronadas das faldas da Barreira. Verdade é que a camada aurifera que se formou de novo não tem por ora mais do que um palmo de grossura; e o palmo cubico só rende um grão d'ouro; todavia, em tres semanas em que se não poude abrir em sitio virgem catas mais rendosas, pela falta de agua e outros embaraços locais que já estão vencidos, deu esta segunda colheita 416 oitavas, ou 6 marcos e 4 onças de excellente ouro em pó e amalgamado. — Assim, se por um lado as ondas do mar embravecido sobre a immensa praia desabrigada contrariam muitas vezes nossos trabalhos mine-

raes, por outro é o oceano ao mesmo tempo um valentissimo e excellente operario, que ajuncta e deposita as fagulhas sem conto do ouro derramado, e as lava e apura sobre as rampas da praia, que lhe servem então de optimo bolinete ou lavadouro de concentração, quando acha base firme, qual é o salão ou greda já descripta. » — Todo o contexto d'esta Memoria é de muita curiosidade e instrucção.

O castello de Almada é, como vimos, do tempo do dominio sarraceno; contam porém os nossos historiadores que a villa foi povoada por cavalleiros inglezes que vieram a este reino na armada do norte de Guillermeda Longa-Espada, e auxiliarem com seus companheiros o nosso primeiro rei na conquista de Lisboa. No tomo 3.º da *Monarchia Lusitana* vê-se aproveitada esta circumstancia para crear uma falsa etymologia do nome da villa. Teve seu primeiro fidalgo d'elrei D. Sancho I, que d'ella fez doação aos cavalleiros da ordem de Santiago, pelos annos de 1187: elrei D. Diniz a incorporou na corôa, dando em troca, áquella ordem as villas de Almodovar e Ourique em Alentejo, com os castellos de Marachique e Aljezur. É de notar que, no regimen absoluto, era a unica villa que a corôa tinha no Ribatejo, pelo que ainda no meado do século passado constituia com seu termo comarca de per si, separada das que então eram confinantes, Azeitão e Setubal (1). Segundo se lê na *Geographia* de Rego, tom. 1.º pag. 176; posteriormente o provedor e ouvidor de Setubal era conjunctamente corregedor d'Almada, não entrando esta villa na provedoria, que abrangia vinte villas: a correição d'Almada comprehendia tambem Azeitão, Lavradio, Moita, Camora Corréa, S. Thiago de Cacem, Cezimbra e Torrão. O extincto logar de juiz de fóra foi creado em 1686.

Na mui levantada eminencia, fóra da villa, d'onde se avista um magestoso amphitheatro de edificios da capital, tendo na raiz o Tejo animado pelo movimento maritimo, está assentado o convento da invocação de S. Paulo, que foi da ordem dominicana, fundação do muito lettrado padre Fr. Francisco Foureiro, confessor dos reis D. João III e D. Sebastião. A distancia de uma legua da villa ficava tambem o convento de religiosos de S. Paulo eremita, com o titulo de Nossa Senhora da Rosa, e o mencionamos porque diz o padre Carvalho em sua *Corographia* que na cerca ha uma fonte de aguas salutiferas para curar a lepra, e assim o cita o doutor Fonseca Henriques no *Aquilegio Medicinal*. Este ultimo auctor tambem refere que a fonte do Alfeite, chamada a Biquinha, é excellente para os achaques de pedra e areias da bexiga, e que por isso era de varias pessoas de fóra procurada: já o mesmo se lia na *Descripção de Portugal* de Nunes de Lião. A bem conhecida Fonte da Pipa, á beira do Tejo, é notavel pela copia d'agua, perenne em todos os tempos, fornecendo provimento facil de aguadas aos numerosos navios que demandam o porto de Lisboa.

Foi natural d'Almada o nosso escriptor Diogo de Paiva d'Andrade sobrinho, distincto em poesia latina, obras moraes, e critica historica.

Offerecemos uma vista da pequenina abra ou calheta do logar de Cacilhas, tomada do barco de vapor que para alli faz constante carreira diaria. Seja-nos permittida, por esta occasião, uma breve observação; — todas as gravuras que temos estampado n'esta segunda epocha do Panorama são do buril do Sr. Baptista Coelho sobre desenhos do Sr. Bordalo Pinheiro, aos quaes o publico já tem feito em seus elogios a me-

recida justiça pelos bem acabados trabalhos que illustraram muitas paginas das primeiras series do jornal: repetimos, todas estas gravuras são devidas áquelles senhores, posto que muitas sejam copias de desenhos de jornaes, e outras obras estrangeiras — nenhuma procede de cliché vindo de fóra, e os originaes em madeira podem vêr-se na typographia onde imprimimos. Porém a que vai na frente d'este numero é obra de um joven, assaz digno de louvor pela sua applicação; revela porém certa falta de estylo de gravar e de certa animação, se nos é licito exprimir-nos assim, que á primeira vista não apparece nas outras, para as quaes póde esta servir de termo de comparação: tambem n'este ramo ha escola, e escola moderna com seu estylo, mimo e perfeição particulares; o joven artista dá esperanças de que poderá bem aproveitar-se d'ella.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Ma per far la to vendetta,
Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Sta sigura; vasta anche ella.
Lament. funeb. de Niolo.

I

Nos principios d'outubro de 181*, o coronel irlandez sir Tomaz Nevil apeava-se á porta da hospedaria Beauveau em Marselha, recolhendo-se algum tanto desgostoso da sua classica peregrinação á Italia. Acompanhava-o miss Lidia, filha unica, devorada da romantica ambição de se distinguir pela mais pura e requintada originalidade de opinião e de critica. Todos ajoelhavam ás maravilhas do jardim de Virgilio; ella, para se singularisar, adoptando a divisa do amigo velho Horacio, o *nil admirari*, passou com um sorriso sceptico, ou frio, pelos maiores monumentos, ou pelas mais gabadas paizagens. O quadro da *Transfiguração* condemnado por mediocre, e as erupções do Vesuvio assemelhadas aos crassos fogaréus das chaminés de Birmingham pintavam o dissabor com que a bella viajante voltava da romaria ao Capitolio e ao Campo sancto. « A Italia, coitada! dizia miss Lidia, tinha o insanavel defeito de ser desmaiada, de lhe faltar a cor local. . . » Que horror!

A formosa lady saíra de Londres com a firme tenção de descobrir além dos Alpes antiguidades novas, para á sua chegada alegrar os seus doutos compatriotas. Aquelles dedos afilados, mimosos, cor de rosa, por força queriam tirar das cinzas dos seculos um objecto raro e admiravel. Vãos desejos! Antes d'ella, nas suas excursões scientificas, os sabios tinham até pezado o pó das urnas cinerarias. Debalde procurou os thesouros desconhecidos da patria de Cesar; a ingrata fortuna, voltando-lhe as costas, nem um despresivel pucaro de barro das olarias etruscas lhe concedeu para se consolar de tanta fadiga inutil. Realmente era atroz. Indignada d'estes revezes a bella Lidia revoltou-se contra a Italia e pasou para a opposição.

Mas o peor de tudo foi vêr desfeita na propria hospedaria a unica illusão da sua viagem. Um delicado esboceto da porta pelagica ou cyclope de Segni, tirado por ella, e trazido com todo o cuidado na persuasão de que escapára ao olho voraz dos pintores, apparece-lhe de repente no album de lady Francis

(1) Dicc. do padre Cardoso verbo Almada.

Fenwick, entre um soneto côxo e uma flôr secca; illuminada, para maior opprobrio, a maldicta porta cyclope, com a mais barbara prodigalidade de rôxo-terra!... Miss Lidia deu o seu esboceto de presente á criada grave, e jurou odio eterno á Italia e a todos os portaes pelagicos.

Com este odio commungava sinceramente o coronel, que depois da morte da esposa via só pelos olhos de miss Lidia. A Italia tinha desgostado sua filha, e este gravissimo crime, na sua opinião, tornava-a uma terra aborrecida. Das estatuas e quadros não dizia nada o bom do irlandez; não eram do seu arado; mas da caça sabia fallar, e por este lado o paiz estava uma desgraça. Dez leguas á torreira do sol nos campos de Roma para matar só duas magras perdizes!

No dia seguinte ao da sua chegada a Marselha convidou para jantar o capitão Ellis, seu antigo ajudante. Ellis tinha ido passar seis semanas á Corsega, e contou a miss Lidia com a verdadeira *côr local* uma historia de salteadores, magnifica por desdizer de quantas ella ouvira da estrada de Roma a Napoles. A sobremesa os dois militares, entretidos com as modestas garrafas de Bordéus, conversaram de caça, e o coronel, como amador, enthusiasmo-se sabendo que a Corsega era o paraizo dos caçadores, pela abundancia e variedade das peças. Ao chá o capitão tornou a arrebatá Lidia com a historia das vendettas *transversaes*, e acabou de a endoucer pela Corsega descrevendo o agreste e selvagem de uma terra, sem igual pela natureza, caracter dos habitantes, e costumes primitivos da sociedade. Finalmente depoz-lhe aos pés um *estilete*, punhal pouco notavel pela fórma, mas curioso pela origem. O capitão Ellis tinha comprado esta raridade a um salteador, e podia assegurar que varára o peito de quatro homens. A bella lady passou-o no cinto, pô-lo sobre o toucador, e antes de se deitar examinou-o umas poucas de vezes. O coronel sonhava, entretanto, que disparando sobre um javali monstruoso voltava com tres cargas de perdizes e veados.

Ao almoço o pai e a filha estavam sós. «Ellis disse-me que ha excellente caça na Corsega—se fosse mais perto queria ir lá passar uns quinze dias.»

— «E por que não? respondeu ella. Em quanto caçar eu desenho. Sabe que estimava bem ter o gosto de copiar no meu album a gruta aonde Ellis nos disse que Buonaparte costumava aprender as lições quando era criança?»

Pela primeira vez approvava sua filha sem discussão um projecto d'elle. O coronel, interiormente lisonjeado, oppoz algumas duvidas comtudo para a confirmar mais na primeira resolução; encarecendo as difficuldades de viajar uma senhora por aquella ilha tão pouco hospitaleira. Ella, pelo contrario, tudo via facil e risonho. N'aquelle instante tinha animo para ir até á Asia Menor de romaria. Nenhuma ingleza viajára ainda na Corsega, e a formosa lady exaltava-se figurando-se a admiração de todo o Saint-James's-Place quando ella mostrasse o seu album. «Minha querida, que pintura é essa tão bonita? Não passe a folha, deixe vêr!» — «Isto não é nada; é só o esboço do famoso salteador corso, que nos serviu de guia quando lá fomos.» — «Ah! então esteve na Corsega?»

Não havia ainda carreira de barcos de vapor da França para a Corsega; e o coronel tanto buscou até que descobriu um hiate com duas camaras soffríveis. O mestre embarcou os viveres, jurando pela sua alma, que tinha a bordo um marinheiro capaz de fazer um timbale de rouxinoes digno de o comer o sultão dos turcos. Deu certos o vento e o

mar, e o inglez para obsequiar sua filha estipulou que não queria mais passageiros, e determinava costear a ilha de fórma que a vista abraçasse as picturescas montanhas. Assim arranjasdas as cousas, os viajantes esperavam com impaciencia pelo dia da partida.

Luziu a final o dia da partida. Embarcaram de manhã, porque o hiate havia de dar á vela sobre a tarde. O coronel andava passeando com sua filha no convex quando o mestre veio pedir-lhe licença para receber a bordo um parente seu, bisneto de um primo arredado. — «Bello rapaz, disse o capitão Mattei, é official de caçadores, e hoje estava brigadeiro se aquelle que foi para a ilha não deixasse de ser imperador.»

— «Como é militar...» respondeu o coronel, e ia já conceder a licença acrescentando «pôde vir conosco,» se miss Lidia não interrompesse em inglez:

— «Um official d'infanteria... vai enjoar talvez, e ahí fica perdido todo o divertimento da nossa travessia!»

O mestre do hiate, ainda que entendesse mal o inglez, sempre percebeu que a senhora recusava; e não era preciso tanto para elle entoar a ladainha das virtudes civis e militares do seu parente. Jurou que era pessoa muito de bem, de uma antiga familia de *cabos de guerra*; affirmando que o coronel podia estar certo de que não o incommodaria; havia d'aboleta-lo em sitio onde nem sequer lhe pozessem os olhos em cima.»

O coronel e sua filha admiraram-se muito de que na Corsega existisse de direito hereditario o posto de *cabo de guerra*, que ambos traduziam por *cabo d'esquadra*; mas como se tractava d'um official subalterno, perderam a repugnancia de o admittir; a qualidade não lhe dava largas a intrometter-se no seu tracto, e por isso estavam dispensados de conviver.

— «O seu parente enjoa?» perguntou miss Nevil.

— «Enjoar elle! Aquillo é de cal e areia.»

— «Então deixe-o vir.»

— «Pôde vir, repetiu o coronel continuando o seu passeio com a lentidão solemne de um veterano.

As cinco horas da tarde, ao subir á tolda para vêr largar o hiate já acharam de pé, á entrada da camara do capitão, um mancebo esbelto e elegante. Vestia a sobrecasaca militar abotoada até acima; a côr era morena, e olhos pretos, brilhantes, bem rasgados animavam-se de alegria natural, ainda que um tanto ironica. Apenas o coronel se approximou, o joven militar, cortejando-o, agradeceu-lhe com polidez o obsequio de que lhe estava credor.

— «Não val nada, meu rapaz; o que estimei foi ser-lhe util!» replicou o antigo official.

— «O tal inglez é sem cerimonia, meu amigo,» disse o mancebo em italiano para o mestre. Este poz o dedo no olho esquerdo, e franziu os cantos da bocca. Queria dizer n'esta admiravel mimica, que o inglez percebia o italiano, e tinha a cabeça um pouco desconcertada. Entretanto o coronel conversando com a filha notava, que os soldados francezes tinham garbo; por isso é tão facil fazer d'elles bons officiaes. Concluiu sorvendo o seu rapé. Depois voltando-se para o objecto das suas observações perguntou-lhe em francez:

— «Em que regimento serviu?»

Comprimido um sorriso ironico e tocando no cotovello ao bisneto do seu quarto primo, o mancebo respondeu, que no septimo de infanteria ligeira.

— «Ah! esteve então em Waterloo? Muito moço havia de ser.»

— «Foi a minha primeira campanha.»

— « Pois olhe que valeu por duas. »

O seu interlocutor mordeu os beiços sem replicar.

— « Meu pai, disse em inglez miss Lidia, pergunte-lhe se os corsos admiram muito Buonaparte. »

Antes do coronel traduzir a pergunta, o mancebo respondia em bom inglez:

— « Minha senhora, sabe que é muito raro ser qualquer propheta na sua terra. Os compatriotas de Napoleão teem por elle menos enthusiasmo que os francezes. Mas eu, apesar da rixa antiga das nossas familias, é que o estimo e admiro como ao maior capitão do nosso tempo. »

— « Vem com licença de seis mezes? » atalhou logo o inglez.

— « Não, coronel. Volto á patria tão ligeiro de bagagem como de soldo, assim reza uma cantiga corsa. » E suspirou pondo a vista no céu.

O coronel metteu a mão no bolso; pegou em meia peça, e preludiando por uma vagarosa pitada, em ar de riso exclamou: « Sabe que mais? tambem a mim me desligaram. Tome lá, cabo francez, é para comprar tabaco. . . »

O mancebo endireitou-se de um repellão ao sentir nos dedos o ouro. Os olhos fuzilaram; ia rebentar toda a sua indignação; mas de repente outra idéa, aplacando os impetos da cholera, mostrou-lhe esta scena por um lado tão comico que, apertando as ilhargas, desatou ás risadas.

O coronel com a meia peça na mão estava diante d'elle extatico e boqui-aberto.

— « O coronel ha de perdoar, advertiu emfim o mancebo, quando o riso passou, se me atrevo a recomendar-lhe duas cousas; a primeira é que não offereça dinheiro a um corso: dos meus compatriotas conheço eu algum capaz de lh'o atirar á cara; a segunda que não honre ninguem de titulos que não são seus. Vejo que teimou em me chamar cabo d'esquadra, e eu servi no exercito como tenente de linha. A differença é verdade que não é grande; porém o amor que tenho á banda. . . »

— « Tenente! exclamou sir Thomaz Nevil; tenente! mas o mestre disse-me que o senhor era cabo d'esquadra, como seu pai, seu avô, e toda a sua familia; não posso entender. . . »

O tenente tornou a recair nas suas estrondosas risadas, e com tanta vontade ria, que d'esta vez os dois marinheiros romperam em côro. O inglez, espantado, fazia caretas amargosas vendo este accesso de hilaridade.

— « Queira perdoar, coronel, se me rio assim d'um equivoco verdadeiramente singular — só agora o percebi. A minha familia ufanava-se de contar uma longa serie de cabos-entre os seus passados, mas são cabos sem divisas no braço. No anno de 1100 revoltaram-se muitas communas contra a tyrannia dos senhores montanhezes, e escolheram capitães a que se deu o nome de cabos. É uma honra na Corsega descender d'esses antigos tribunos. »

— « Desculpe, exclamou o coronel; queira perdoar o meu engano. Bem vê que não tinha a menor tenção de o offender. »

E estendia-lhe a mão.

— « Eu é que peço desculpa; mereci este equivoco por meu orgulho de rapaz, respondeu o moço official rindo e apertando a mão do inglez. O meu amigo Mattei não me soube appresentar, já vejo; e não ha remedio senão faze-lo eu. Sou Orso della Rebia, tenente desligado do exercito francez; e se estes cães de boa raça não mentem, o coronel deve ter o vicio da caça: já d'aqui me offereço para lhe ensinar todos os passos das nossas montanhas. . . se me não es-

queceram já, tambem, a mim; » acrescentou suspirando.

Sir Thomaz convidou-o para cear, repetindo as suas desculpas. Miss Lidia não se oppoz, notando no seu hospede um certo ar aristocratico. Só o que lhe desagradava n'elle eram maneiras rasgadas de mais, e uma alegria impropria do melancholico typo dos heroes de romance.

A mesa o coronel, tocando o copo de vinho da Madeira no vidro do do seu commensal, exclamou: — « Tenente della Rebia, vi em Hespanha muitos compatriotas seus. . . que excellente infantaria d'atiradores! »

— « É verdade, lá ficaram bastantes » replicou o mancebo com tristeza.

— « Nunca me esqueceu o valor d'um batalhão corso na batalha de Victoria; esteve estendido em atiradores nos jardins todo o dia; quando tocou a retirar cuidámos que, apanhando-o na planicie, chegava emfim a nossa vez. . . qual desforra! Formaram quadrado, e fosse lá o diabo rompe-lo. No meio d'elles andava um official montado n'um cavallo preto; firme no angulo do quadrado a fumar com tanto socego como se estivesse tomando café n'um botequim. Deitei-lhe um, depois outro, tres esquadrões; e nada. Os meus dragões fizeram dois meia volta, e a maldicta musica dos corsos a assoprar. Quando levantou o fumo, vi no mesmo angulo o official do cavallo preto chupando no eterno cigarro. Desesperei, e puz-me á frente da ultima carga. A polvora tinha-se-lhe acabado, mas ossoldados, sobre seis filas, apontavam-nos as bayonetas. Era um muro de ferro. Gritei, amaldiçoei, e cheguei as esporas ao cavallo para puxar os dragões; tudo debalde. Então o official tirou o cigarro da bocca, e mostrou-me com o dedo a um dos seus, dizendo: *Al capello bianco*. Eu trazia pennacho branco. Não ouvi mais nada. Zuz! veio uma balla, e varou-me o peito. Que batalhão aquelle, decimo oitavo de ligeiros corsos, Sr. della Rebia! »

— « Era firme, era; respondeu Orso, ao qual os olhos brilharam com viveza. Sustentou a retirada e salvou a aguia. Mas quasi a metade lá dorme hoje nos campos de Victoria. »

— « Por acaso saberá o nome do commandante? »

— « Pois não sei! . . . era meu pai. . . Ganhou n'esse dia as dragonas de coronel. »

— « Seu pai! . . . com mil demonios, juro-lhe que não se póde ser mais valente. Ainda agora o conhecia, se o visse. . . »

— « As suas campanhas estão acabadas » retrucou Orso fazendo-se pallido.

— « Morreu em Waterloo? »

— « Não, coronel, escapou de lá para ir. . . expirar á Corsega. . . haverá dois annos. . . Jesus! que lindo mar. Ha dez annos que não via o Mediterraneo. Não lhe parece mais bello do que o Oceano, minha senhora? »

— « É muito azul. . . e demais as ondas não teem magestade. »

— « Como gosta de sitios alpestres, já lhe asseguro que ha de gostar muito da Corsega. »

Miss Lidia despediu-se de seu pai, complimentou Orso com uma cortezia solemne e retirou-se. Os dois ficaram conversando de caçadas e de guerras. Souberam que em Waterloo estavam frente a frente. A harmonia ainda se augmentou mais entre elles. Criticaram Napoleão, Wellington e Blucher, traçaram o plano d'uma caçada de javalis, e tendo achado o fundo ás corpolentas garrafas, separaram-se mutuamente satisfeitos d'aquella amizade, encetada de um modo tão ridiculo.



ESTATUA DE S. VICENTE DA PAULO.

A PRECEDENTE gravura é um transumpto da estatua de S. Vicente de Paulo, feita por Mr. Raggi para a igreja da Magdalena em Paris. Abbreviaremos aqui a relação da vida de um varão sancto, braço do christianismo e da humanidade.

Guilherme Paulo e sua mulher Bertranda habitavam n'um logarejo da freguezia de Pouy (1), diocese de Acqs, para a parte dos Pyrenneus: todos os seus bens constavam de umas barracas, e de algumas courelas que elles mesmos cultivavam. Tiveram seis filhos, dois d'elles rapazes: o terceiro na ordem do nascimento foi Vicente de Paulo, que nasceu a 24 d'abril de 1576. Até a idade de doze annos, Vicente acompanhou o trabalho da familia guardando o gado: d'essa idade o mandou seu pai estudar com os franciscanos de Acqs, e as felizes disposições que mostrou deram azo a que attendessem por elle. Para o diante um magistrado de Pouy lhe confiou a educação de seus filhos; e o encargo de preceptor não arredou o mancebo da applicação ao estudo. Tendo aprendido de seus mestres quanto lhe podiam ensinar, foi procurar instrucção maior á universidade de Saragoça, e depois a Tolosa onde cursou sete annos de theologia e alcançou o gráu de bacharel, que então não era facilmente concedido. Para obter o cappello de doutor era necessario explicar publicamente as sagradas lettras ou o mestre das sentenças: não está bem averiguado se Vicente teve maior gráu que o de bacharel; mas, emfim, a pouca ambição que a este respeito mostraria nada prova contra o seu saber, que parece ter sido solido e sufficientemente dilatado.

Aos 25 de setembro de 1600 recebeu as ultimas ordens; e a idéa de dizer a missa nova lhe causou um temor que parecia espanto; não se achou com animo de celebrar em publico um acto que tinha por tão serio: a tradição refere que buscou um sitio apartado e solitario, onde celebrou a primeira vez, sem mais testemunhas que um sacerdote para lhe assistir

e um sacristão para ajudar, n'uma ermida da Virgem, no cimo d'um monte entre mattas.

Passado algum tempo Vicente de Paulo passou-se a Marselha para receber uma quantia que lhe deviam. Chegada a occasião de voltar a Tolosa por terra como intentava, um fidalgo do Languedoc, com quem morava, o resolveu a tomar a via maritima para Narbonna: era no mez de julho, boa a estação, e contavam chegar n'essa mesma tarde; mas não aconteceu assim. Vicente de Paulo deixou uma relação dos accidentes verdadeiramente romanticos d'esta viagem, em uma carta que foi achada cincoenta annos depois, e que elle tivera tenção de supprimir.

« Embarquei-me (diz) para Narbonna, afim de ir mais depressa e poupar, ou, mais exactamente, para não chegar lá e perder tudo. O vento era tão favoravel quanto bastava para nos levar a Narbonna no mesmo dia (cincoenta leguas de caminho) se Deus não tivesse permitido que tres bergantins turcos que costeavam o golpho de Lyão para apanhar as barcas que vinham de Beaucaire, onde se fazia uma feira que se reputa das mais excellentes da christandade, portassem sobre nós e nos atacassem tão vivamente que, mortos dois ou tres e feridos todos os mais e tambem eu de uma frechada que me servirá de repertorio toda a vida, livessemos de nos render áquelles traidores. Os primeiros impetos da sua raiva foram cortar o nosso piloto em mil boccados, por terem perdido um dos seus principaes afóra quatro ou cinco forçados que os nossos lhes mataram: feito isto nos acorrentaram, e depois de nos terem curado toscamente, proseguiram na sua derrota, commettendo mil roubos, dando todavia liberdade aos que se rendiam sem combate, mas depois de os terem roubada. A final, carregados de fazendas, ao cabo de sete ou oito dias tomaram o rumo de Berberia, covil e espelunca de ladrões sem auctoridade do grão turco; chegados alli, nos expozeram á venda, com um auto da nossa captura, que diziam feita a bordo de um navio hespanhol; porque, se não fôra esta mentira, seriamos libertados pelo consul que o rei tem n'aquelle logar para tornar livre o commercio dos francezes: o seu proceder para a nossa venda foi, depois de nos terem despojado, dar a cadaum um par de ceroulas, uma fardeta de linho com um barrete, e passear-nos pela cidade de Tunes, onde vieram de proposito para nos vender. Tendo-nos feito dar cinco ou seis voltas por toda a cidade em redondo, de corrente ao pescoço, nos reconduziram á barca para que os mercadores podessem vir alli presenciar qual comia bem e qual não, e para lhes mostrar que os nossos ferimentos não eram mortaes. Acabado isto, nos tornaram a levar á praça onde os mercadores nos vieram examinar inteiramente como se faz para a compra de um cavallo ou de um boi, fazendo-nos abrir a bocca para verem os dentes, apalpando as costellas, sondando as feridas, fazendo-nos caminhar a passo, trotar e correr, e depois levantar pezos e lutar para conhecer a força de cadaum; e outras mil castas de brutalidades. Eu fui vendido a um pescador, que foi obrigado a desfazer-se logo de mim, porque nada me é tão contrario como o mar; passou-me a um velho, medico espagirico, soberano manipulador de quintas essencias, homem muito humano e tractavel, o qual, segundo elle proprio me disse, tinha trabalhado o espaço de cincoenta annos em pesquisa da pedra philosophal: estimava-me muito, e gostava de me conversar sobre a alchimia, e depois sobre a sua lei, á qual muito diligenciava attrahir-me, prometendo-me bastantes riquezas e toda a sua sciencia. Deus me inspirou sempre uma confiança de livra-

(1) Vid. o nosso artigo sobre as Laudes in fine pag. 36.

mento pelas assíduas orações que lhe eu fazia; e á Virgem Maria, só pela intercessão da qual eu creio ter sido libertado. Estive, pois, com aquelle velho desde selembro de 1601 até agosto de 1606, em que foi embargado e levado ao grão sultão para trabalhar com elle; mas debalde, porque morreu de pena no caminho. Deixou-me a um seu sobrinho, verdadeiro antropomorphita, que me vendeu logo depois da morte de seu tio, porque ouviu dizer o como M. de Brèves, embaixador do rei na Turquia, vinha com válidas e expressas cartas do grão turco para restaurar todos os escravos christãos; um arrenegado de Nice na Saboia, inimigo natural, me comprou e levou para o seu temar, que assim se chama a propriedade que qualquer tem como rendeiro do grão senhor; porque alli o povo nada possui, tudo é do sultão. O temar d'aquelle era na serra, onde o paiz é extremamente calido e deserto. Uma das tres mulheres d'elle era grega christã, mas scismatica; outra era turca que serviu de instrumento á immensa misericordia de Deus para tirar seu marido da apostasia e torna-lo ao gremio da igreja, e a mim remir-me da escravidão. Como era curiosa de saber o nosso modo de viver, vinha todos os dias aos campos onde eu cavava, e n'um dia me ordenou que cantasse os louvores do meu Deus. A lembrança do — «Como cantaremos nós em terra estranha? . . .» — dos filhos de Israel captivos em Babylonia, me fez começar com as lagrimas nos olhos pelo psalmo *Super flumina Babylonis*, depois a *Salve rainha*, depois outras muitas cousas; no que ella tomava tanto recreio que era maravilha; não deixou de dizer a seu marido á tarde que não tivera razão em abandonar a sua religião, que ella julgava extremamente boa, segundo uma informação que lhe eu dera do nosso Deus, e os louvores que eu cantára na presença d'ella; no que dizia ter experimentado uma satisfação tal que o paraizo de seus pais, o que ella esperava, não julgava tão glorioso, nem acompanhado de tanta alegria, como o contentamento que tinha sentido em quanto eu louvára o meu Deus; concluindo que n'isto havia algum prodigio. Esta mulher, como outro Caipha, ou como a burra de Balaam, tanto fez com o seu discorrer que seu marido no seguinte dia me disse que só dependia de uma oppor-tunidade o escapar-nos para França; mas que elle daria tal volta que dentro em bem pouco tempo bendiriamos a Deus. Este bem pouco tempo durou dez mezes que me elle entreteve n'esta esperança, no termo dos quaes nos escapámos com um pequeno batel, e nos passámos a Aguas-mortas aos 28 de junho e logo depois a Avinhão, onde o senhor vice legado recebeu publicamente o renegado com as lagrimas nos olhos e suspiros do coração.»

Vicente da Paulo foi levado a Roma pelo vice legado, e d'ahi voltou incumbido, pelos embaixadores de Henrique IV, de uma importante commissão para este principe. Alojou-se com um juiz d'um pequeno logar chamado Sore, situado nas Landes e no districto do parlamento de Bordéus: Vicente era do mesmo cantão, e por economia haviam tomado um quarto, despeza ao meio. O juiz de Sore, erguendo-se um dia de madrugada, foi á cidade tractar de alguns negocios, e esqueceu-se de fechar um armario, onde mettêra o seu dinheiro: Vicente, que se achava um tanto incommodado de saude, ficou de cama aguardando por um remedio que deviam trazer-lhe. Chegando o official do boticario, e procurando um copo no armario que via aberto, achou o dinheiro e o tomou, mostrando á saída apparencia de tranquillidade. A quantia era de 400 escudos: o juiz, á vol-

ta, espantou-se de não achar o seu peculio: pediu-o magoado, e depois de grande cholera, a Vicente de Paulo, que respondeu que nem o tomára, nem vira tomar. Foi bastado para redobrar o fogo do juiz, que rebentou sem motivo; as minguidas circumstancias de Vicente de Paulo, e seu silencio e até a sua paciencia, lhe serviram de provas: expulsou-o da sua companhia, e de suas casas suspeitas, ou antes á sua convicção, a maior publicidade. Por seis annos carregou sobre Vicente o peso d'essa accusação; a final o dinheiro perdido foi descoberto em Bordéus e confessado o delicto; sempre em então a paciencia e resignação do sacerdote: a qual a maior fôra a justiça que com elle, tanto mais convidava a que o resgatasse e amassem. Em 1710 Margarida de Valois tomou por seu capellão ordinario: o palacio desta princeza não era um logar de edificação, Vicente conheceu que alli não se vacillava; parece que o terror que experimentou descobrindo o que se passava na sua casa foi exactamente o que o decidiu áquelle grande impulso de charidade ao qual deve o viver eternamente na memoria dos homens. N'um dia que se achava todo occupado da violencia da sua pena e da maneira de lhe obstar para sempre, tomou a firme e inviolavel resolução de consagrar toda a sua vida a bem dos pobres. Assim que tomou este generoso designio, o seu coração gozou serena e perfeita liberdade. E pouco depois recolheu-se ao domicilio de Pedro de Berulo, fundador da congregação do Oratorio. Em seguida foi successivamente cura da parochia de Clíchy; preceptor dos tres filhos de Manuel Gondi, conde de Joigny; e cura de Châtillon. N'esta ultima parochia é que fundou a confraria da Charidade, que foi o modelo de todas as que depois se estabeleceram em França. Diremos a razão da origem d'este instituto.

(Concluir-se-ha)

PASSAGENS DE LISBOA E SEU TERMO EM 1608.

Os seguintes extractos são passagens litteralmente trasladadas dos Dialogos de Luiz Mendes de Vasconcellos.

«Cobre Lisboa os outeiros e valles, que já dissemos, com as fabricas das casas e templos, dando com isto grande commodidade de alegre vista aos mais dos seus moradores; porque, das mais das casas, estando edificadas nas ladeiras e cumes dos montes, se vê grande parte da cidade, e do seu rio, e de outras junctamente com algumas hortas; porque está de tal sorte assentada esta cidade que, saindo d'ella alguns braços nobremente povoados, abraçam entre si amenissimos valles, plantados de hortas, que todo o anno alegam a vista, variando em diversos tempos a verde hortaliça com que os praticos agricultores cobrem a sua terra. E assim da maior parte das casas se vê uma grande machina de unidos edificios, ou juncto com isto o mar ou as verdes hortas; e se estas vistas são alegres, julgue-o quem o goza. E as casas que estão chegadas ao mar, de modo que d'ellas se veem distinctamente as grandes e pequenas embarcações, umas ancoradas e outras navegando, que coliseu, que circo e que theatro com novos espectaculos se lhe pôde comparar? . . . Pois não só tem esta varia vista, mas estendendo-a mais sobre as espaçosas aguas do rio, estão-se vendo da outra parte resplandecer entre os horizontes da manhã e raios do sol á tarde as brancas casas das quintas e logares n'ella edificadas. E não só gozam d'esta alegre e formosa vista aquelles a quem coube por sorte viver em casas d'onde a tenham, mas todos os homens que vem a esta cidade podem gozar d'ella indo passear aos outeiros de Nossa Senhora da

Graça, do Carmo, do Castello, de Sancta Catharina, e das Chagas. . . E áquelles que se recrearem de passear em grandes e espaçosas praças tem a do Rocio, que se não sabe, em outra cidade, de outra tamanha, cercada de nobres casas e grandes templos, e o Terreiro do Paço, que tenho por maior, medindo desde os Paços até os Contos, o qual tendo pela parte da terra, estas illustres e reaes fabricas dos Paços e Contos, tem pela do mar, ordinariamente tantos navios postos com as prôas em terra, e outros ancorados, que os mastros e antenas parecem um grande bosque de espessas arvores. Pois o passeio de S. Roque até descobrir a Boa-Vista não póde ser cousa mais agradável, vendo, depois que se sae dos Moinhos de Vento, de uma parte o valle da Annunciada cheio de hortas e illustres casas até Andaluzes, e da outra a Boa-Vista e todo o seu mar até fóra da barra: e os passeios dos caminhos de Belem e de Enxobregas, para quem os quizer mais largos, que cidade tem outros mais alegres nem com melhores fins, acabando um no sumptuosissimo e real mosteiro de Belem, digno enterro dos nossos reis, e o outro na devota e sancta casa da Madre de Deus e no religioso convento de S. Francisco. E o passeio do mar não é inferior a nenhum dos referidos; porque olhando para a terra se vê, não sem admiração, a grande cidade que se levanta sobre as ladeiras que olham para aquella parte, e para o mar innumeravel quantidade de navios e barcos fazendo outra grandissima cidade naval. E para que tudo seja sempre ledó, depois que o sol apparece sobre o nosso horisonte, até que (como fingem os poetas) mette o seu carro nas aguas do Oceano, não deixa de espalhar os seus raios por cima de toda a cidade, como que a faz muito mais alegre e deleitosa á vista. »

« O pescado d'este rio e do mar d'esta costa de Lisboa é tanto e tão bom que, como cousa tão manifesta, não ha que dizer senão encommendar a quem o quizer saber que passeie a Ribeira onde se vende. . . mas porque não se creia que uso, como os poetas, de encarecimentos, uma só cousa direi que mostrará clarissimamente que são n'isto muito curtas as minhas palayras, e n'ella tambem vereis a grandeza d'este povo. É obrigada a camara d'esta cidade a dar cestos aos pescadores que chegam á Ribeira para lavar o pescado que trazem, e os pescadores em recompensa dão, sem obrigação que a isso tenham, o pescado que querem a quem lhes dá estes cestos: encommenda a camara isto a certos homens, os quaes dão os cestos aos pescadores e recolhem o peixe que elles livremente lhes dão, do qual o terço é da camara, e as outras duas partes, dos homens que tem isto a seu cargo. A camara importa o terço 800\$000 réis em que o faz arrendado, e com o que fica vivem onze homens, que tantos são os que dão estes cestos. »

« O que chamamos Termo de Lisboa terá pelo mais comprido, que é de Torres até Cintra e Cascaes, dez leguas, e pelo mais largo cinco. Este circuito de terra é tão povoado, como já disse, sendo as estradas principaes quasi uma continuada cidade. E assim parece que, quando fóra muito fértil, não poderia alcançar a mais que sustentar a muita gente que n'este limite habita; e não só faz isto, mas é tão grande a quantidade de cargas que entra cada dia em Lisboa, só d'este espaço, de toda a sorte de mantimentos que não é possível dizer numero certo; porque sendo quatro as estradas principaes por onde vem, que são Enxobregas, Arroios, Andaluz e Alcantara, cadauma d'ellas, principalmente as tres ultimas, a qualquer hora do dia que por ellas se caminhe, se vê a estrada continuamente acompanhada das cargas que

entram e das cavalgadas que saem descarregadas; e já vi tão espessas as que entravam e as que saíam que comparava a estrada á das formigas, da eira para o formigueiro, e do formigueiro para a eira, umas carregadas e outras vazias; e não trazem um só mantimento, mas todos os que usamos para sustento e para regalo, trazendo trigo, cevada, vinho, azeite, hortaliças, fructas de todas as sortes e de todos os tempos, leite, nata e manteiga todo o anno, cabritos, coelhos e perdizes; e como um pereante rio está isto continuamente correndo, e todas estas cousas vem com tanta abundancia que não só se vendem nas praças, mas as mais d'ellas pelas portas, o que não ha em nenhuma outra cidade das que se tem por abundantes; e se esta cidade não fóra mais provida que todas, sabendo os que as vendem que de necessidade as haviam de ir a comprar á praça, não tomaram o trabalho de as trazer pelas portas, e tomando-o é cousa clara que a muita abundancia os desconfia da venda; e tem razão, para o que só direi o exemplo da fructa de Collares, pequeno logar d'este districto, a qual é tanta que rende a siza d'ella um conto de réis, que são de principal vinte e cinco mil cruzados, cousa que parece incrível; e considerando a este respeito as outras, bem se vê a abundancia que de todas haverá, e pelo conseguinte que d'ella procede a diligencia da venda. E quem vir só o que ha de Sacavem até Friellas ao longo do rio, conhecerá que em tudo o que disse da fertilidade do Termo de Lisboa fico curto; pois, em só uma parte, tão pequeno districto tem cousas tão esplendidas e que melhor próvem a fertilidade; porque aqui se vê um deleitoso e util rio navegavel em todo este espaço, que regando de uma parte férteis valles, da outra faz copiosas marinhas; e pela terra da parte de Sacavem ha tantos logares, quintas, vinhas, pomares, e outras muitas férteis e deleitosas propriedades que excedem não só á capacidade d'este pequeno districto, mas á de outro muito maior; e considerando isto, vejo que não tem tanta o tempo nem a minha lingua que possa explicar a largueza com que Deus beneficiou a todo o Termo d'esta cidade de Lisboa, pelo que o deixo.

Mas tambem saindo fóra d'elle que cousa ha que se compare com os logares de seus campos, que do mesmo modo são povoados e férteis, e tanto que de Sacavem até a Castanheira, que são quatro leguas, se veem doze logares, postos no caminho ou juncto d'elle, e alguns grandes e lustrosos, e todos tão abundantes de tudo que do mesmo modo proveem pelo rio a cidade de todas as cousas necessarias, tão copiosamente, que entram todos os dias n'ella, só das embarcações do rio, assim d'estes logares como dos mais que juncto a elle estão assentados, sem contar as que vem de fóra da barra, a roda de cento e cincoenta carregadas de mantimentos, sendo este um manifesto signal da grandeza d'esta cidade; porque o que trazem estas barcas e tudo o mais que cada dia entra n'ella se gasta, de sorte que é necessario haver esta continuação para ser bem provida. Pois que diremos dos fertilissimos campos que rega o Tejo, creados por particular Providencia de Deus para a grandeza d'esta cidade, pois fóra impossivel sem elles sustentar-se. . . Diz Diodoro Siculo que toda a abundancia da India, que é grande, procede da inundação dos rios. Do mesmo modo estes fertilissimos campos, recebendo em si a agua das enchentes do Tejo, se fazem tão fecundos que em sete semanas se semeia e colhe, produzindo tão copiosamente que eu sei colher um lavrador de um moio de trigo cincoenta. »

« O logar onde se vendem as cousas necessarias á vida (de que Aristoteles fez muito caso) está na mais

commoda parte que pode ser ; porque (diz elle) que deve estar em parte accommodada para com facilidade virem a ella as cousas do mar e da terra : e assim vemos n'esta cidade — a Ribeira que é a praça onde se vendem todas as cousas de comer — a Rua Nova e Pelourinho Velho, onde se acham as de vestir e fazem as almoedas — assentadas de modo que da terra e do mar se vem a ellas com grandissima facilidade ; porque os que vem do mar ahi desembarcam, e os da terra, sem subir nem descer nenhuma ladeira, por caminho chão suavemente chegam a estas partes, e não falta a estes logares a commodidade que Vitruvio n'elles considera ; porque diz elle que as cidades maritimas devem ter a praça juncto ao porto ; — e assim estão a Ribeira, Rua Nova e Pelourinho Velho — e se forem dentro da terra, e apartadas do mar, que a praça se porá no meio d'ellas, para que os moradores com igual commodidade se possam prover d'ella ; — a qual não falta a estas praças de Lisboa, porque como ella é quasi em dobro mais comprida do que larga, ficando estas praças no meio do comprimento estão com pouca differença em igual distancia dos extremos. » —

OS TEMPLARIOS.

(Continuado de pag. 134.)

Todo o auxilio que lhes proporcionou o papa, com quem contavam e a quem invocavam como a Deus, foi uma timida e frouxa consulta, em que intentou interpretar a palavra *relapso*, no caso que se quizesse applicar este nome áquelles que se tivessem retractado de suas confissões — « Parece, de algum modo, contrario á razão julgar taes homens como relapsos. Em cousas semelhantes duvidosas é necessario restringir e moderar as penas. » — Os commissarios pontificios não se atreveram a fazer que prevalecesse esta consulta : responderam, no domingo pela tarde, que sentiam grande compaixão para com os defensores da ordem e os outros irmãos ; mas que o negocio de que tractavam o arcebispo de Sens e seus suffraganeos não era o que incumbia a elles commissarios ; que elles não sabiam o que se passava n'aquelle concilio ; que se a commissão estava auctorizada pela sancta sé, tambem o arcebispo de Sens o estava ; que ella não tinha poder sobre aquelle ; que não viam á primeira vista de que fazer objecção ao dicto arcebispo ; que comtudo pensariam. — Em quanto os commissarios pensavam no caso, tiveram noticia de que cincoenta e quatro templarios iam ser queimados : fôra sufficiente um dia para esclarecer o arcebispo de Sens e os seus suffraganeos. — Sigamos passo a passo a narração dos notarios da commissão pontificia na sua terrivel simplicidade.

« Na segunda feira 12. durante o interrogatorio de Fr. João Bertaud, chegou ao conhecimento dos commissarios que cincoenta e quatro templarios iam ser queimados. Encarregaram o prioste de Poitiers e o arcebispo de Orléans de dizerem ao arcebispo de Sens e a seus suffraganeos que deliberassem com dureza e deferissem a sentença, visto que os freires mortos na prisão tinham affirmado, segundo se dizia, sobre a sua salvação, que eram acusados sendo innocentes : que se a execução tivesse logar, impediria os commissarios de fazerem o seu officio, estando os accusados por tal modo horrorizados que pareciam perdidos do juizo. Além d'isso, um dos mesmos commissarios incumbiu-os de significar ao arcebispo que Fr. Raynaldo de Pruin, Pedro de Boulogne, Guilherme de Chambonnet e Beltrão de Sartiges, caval-

leiros, tinham interposto certa appellação perante os commissarios. »

O caso era de grave questão de competencia de jurisdicção. Se o concilio e arcebispo de Sens reconhecessem a validade de uma appellação dirigida á commissão papal confessavam a superioridade d'este tribunal ; e as immunições da igreja gallicana ficavam lesadas. Por outra parte, instavam sem duvida as ordens do rei ; o mancebo Marigni, creado arcebispo expressamente, não tinha tempo para disputar : retirou-se para não receber os enviados da commissão ; depois alguém (ignora-se quem) poz duvida que elles fallassem em nome da commissão ; Marigni duvidou tambem, e seguiu ávante.

Os templarios conduzidos no domingo ao concilio foram julgados na segunda feira ; os que confessaram postos em liberdade ; os que sempre negaram encarcerados por toda a vida ; os que retractaram as confissões declarados relapsos : estes ultimos, em numero de cincoenta e quatro, foram no mesmo dia exauctorados pelo bispo de Paris e entregues ao braço secular : na terça feira foram queimados diante da porta de St.º Antão. Estes desgraçados tinham variadas prisões ; mas não variaram nas chammas, protestaram até as ultimas a sua innocencia. A turba assistente estava muda e como estúpida de assombro.

Quem acreditaria que a commissão pontificia teria animo para reunir-se no dia seguinte, continuar o inutil processo, e interrogar uns em quanto queimavam outros ? . . . — « Na terça feira, 13 de maio, foi trazido perante os commissarios Fr. Aymerico de Villars-le-duc, de barba rapada e sem capa nem habito do Templo, de idade, ao que dizia, de cincoenta annos, tendo servido na ordem oito annos como irmão servente e vinte como cavalleiro : os senhores commissarios lhe explicaram os artigos sobre que devia ser interrogado. Mas a dicta testemunha, pallida e toda espantada, depondo debaixo de juramento d'alma e dizendo que de subito morresse elle se mentisse, e fosse, na presença mesmo da commissão, em corpo e alma subvertido no inferno, ferindo o peito com os punhos, prostrando-se de joelhos e erguendo as mãos para o altar, declarou que todos os erros imputados á ordem eram de inteira falsidade, posto que elle tivesse confessado alguns no meio dos tractos a que o expozeram Guilherme de Marcillac e Hugo de Celles, cavalleiros do rei. Accrescentava que tendo visto levar em carroças, para serem queimados, cincoenta e quatro freires da ordem, que não tinham querido confessar os dictos erros ; e tendo ouvido dizer que com effeito foram queimados, elle que receava, se o mesmo lhe acontecesse, não ter bastante força e paciencia, estava prompto a confessar e jurar por temor, perante os commissarios ou quaesquer outros, todos os erros assacados á ordem, e a dizer até, se assim quizessem, *que tinha morto Nosso Senhor Jesus Christo*. . . Supplicava, e conjurava os dictos commissarios, e nós notarios presentes, que não revelassemos ás justicas do rei o que acabava de dizer, temendo, se o soubessem, ser entregue ao mesmo supplicio dos cincoenta e quatro cavalleiros. Os commissarios vendo o perigo que ameaçava os declarantes, se elles continuassem a ouvi-los durante aquelle tempo de terror, e levados tambem de outros motivos, resolveram sobreestar na causa por agora. »

— A commissão parece que se commovêra com esta scena terrivel : posto que enfraquecida pela deserção do seu presidente, o arcebispo de Narbonna, e do bispo de Bayeux, que já não vinham ás sessões, intentou salvar, se ainda fosse tempo, os tres principaes defensores. (Continúa.)